



a transação entre as gigantes do ramo de alimentos Sadia e Perdigão e da rede de eletroeletrônicos Ponto Frio, colocada à venda há menos de dois meses.

“O que tinha de parar (negociações) parou ainda no fim ano passado. Os investidores estratégicos continuam atentos às oportunidades. Os fundos de private equity que já levantaram capital com seus investidores estão pressionados e em busca de negócios interessantes”, exemplifica Alexandre Lindenbojm, sócio do Vellozo, Giroto e Lindenbojm Advogados Associados. A banca, uma das assessoras legais da compra de metade do Votorantim pelo Banco do Brasil, tem em sua carteira atual quatro transações de fusão ou aquisição em andamento. Uma delas tem um fundo de private equity como participante. Segundo a Price, essa modalidade de investidor participou de 34% do número total das transações anunciadas até março. Foi um recorde para a indústria. No acumulado entre janeiro e abril, esse percentual foi de 24%.

Outro escritório de advocacia cujos sócios da área de fusões e aquisições já percebem a volta do apetite da indústria de private equity é o Mattos Filho. “Os fundos já voltaram a preparar cartas de intenção de negócio. Esse tipo de investidor não mira empresas com problemas e mantém o foco

nas familiares”, detalha João Ricardo de Azevedo Ribeiro, um dos sócios do escritório na área. “Um dos principais entraves para o fechamento das transações continua sendo o valor pedido pelos vendedores, o que demonstra que muitos ainda pensam com a realidade preços de dois anos atrás”, afirma o advogado.

Em alguns casos, o descolamento é tão perceptível que os próprios intermediários dos negócios acham melhor paralisar as operações, confirma Antonio Caggiano, sócio da Deloitte na área de fusões e aquisições. “Quando chegamos à conclusão de que a empresa tem um ativo de boa qualidade e seus donos não precisam do dinheiro naquele momento, preferimos frear a transação”, afirma. Das 16 transações que a empresa mantém em carteira, apenas duas caminham para um desfecho mais rápido.

Mesmo diante das indefinições trazidas pela crise, empresas brasileiras com necessidade de expansão global destacam-se entre possíveis compradoras de ativos no exterior. Relatório divulgado pelo The Boston Consulting Group, (BCG) aponta 14, entre as quais Natura, Petrobras, Vale e Embraer. “As fusões serão, cada vez mais, orientadas por um movimento de racionalização das linhas de produção e de suas estruturas”, acredita Fernando Machado, diretor do BCG.

Ritmo de fusões e aquisições volta ao momento pré-euforia

Mercado deve fechar o ano com número de negócios próximo ao de 2006

LUCIANO FELTRIN
SÃO PAULO

A queda expressiva nos volumes negociados em fusões e aquisições neste início de ano não preocupa especialistas na área. Animados pelos sinais de retorno maciço do capital estrangeiro ao País, profissionais ouvidos pela **Gazeta Mercantil** demonstram uma espécie de consenso sobre o tema. Certos de que o recuo no volume financeiro será inevitável — fruto da mudança de patamares nos preços médios de ativos incorporada pela crise —, eles projetam, no entanto, que o mercado brasileiro deverá fechar 2009 com cerca de 640 operações. Assim, seria mantida a média do fechamento dos negócios entre 2006 e o ano passado, em uma indicação da estabilidade.

“Está claro que o mercado estará testando essa média. O País mudou de patamar a partir de 2005”, afirma o sócio da **PricewaterhouseCoopers**, **Alexandre Pierantoni**. O especialista lembra que, entre 2002 e 2005, a média anual de transações anunciadas no Brasil foi de 384.

Levantamento que a **Price** divulga hoje, e cujo conteúdo foi antecedido à **Gazeta Mercantil**, destaca que, entre os meses de janeiro e abril, foram anunciadas 164 operações de fusão e aquisição no mercado local. O número é 25% inferior às 219 do mesmo período do ano anterior, mas 8% maior que as 152 operações anunciadas no mesmo período comparativo de 2006.

As transações nos quatro primeiros meses de 2009 foram impulsionadas pelo setor financeiro, que representou 11% do número dos negócios, seguido pelos setores de TI (10%), transportes/ logística (7%), serviços públicos (7%), mineração (6%), alimentos (6%), construção (5%) e química e petroquímica (que inclui farmacêutico) com 5% das transações anunciadas. “Os negócios em tecnologia da informação ainda envolvem um movimento de consolidação. Já as transações da área financeira refletem o interesse de investidores estrangeiros por ope-



Alexandre Pierantoni, da PricewaterhouseCoopers: transações do setor financeiro são destaque

rações já existentes no País”, diz. Um dos ativos financeiros mais cobiçados são corretoras que operam com home broker — sistema que permite a compra e venda de ações pela internet.

O setor financeiro deve continuar sendo um dos principais responsáveis por movimentar o mercado também por meio de opera-

ções entre bancos médios e seguradoras, aponta o sócio da área de finanças corporativas da BDO Trevisan, Luis Raposo. “Serão negócios estratégicos, nos quais o comprador irá analisar a força de uma determinada operação, linha de negócios, carteira de clientes ou a possibilidade de desenvolver algum tipo de transação com

público específico ou regional”.

Expectativas

Outro fator que anima os intermediários das transações para o segundo semestre é a certeza de que há diversos negócios sendo levados à frente, cujo fechamento pode acontecer a qualquer momento. São casos públicos, como

ROMUALDO RIBEIRO/GAZETA MERCANTIL